



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://sites.google.com/unicamp.br/eemu/anais/anos-anteriores>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2023 by UNICAMP/IA. All rights reserved.

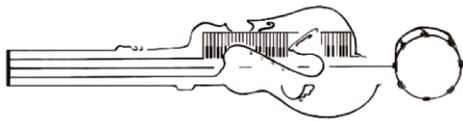
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>



A transversalidade da afetividade nos processos educacionais - o caso do Cursinho TATITA

Marcelo Ferreira Ribeiro
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
marceloferibeiro@gmail.com

Sílvia Cordeiro Nassif
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
scnassif@unicamp.br

Resumo: Este artigo apresenta parte de uma pesquisa de Iniciação Científica que observou atividades de estágio durante a pandemia em um curso de Licenciatura em Música. Foi realizado um estudo de caso, de natureza qualitativa, em um cursinho pré-vestibular que oferece aulas de músicas gratuitas, no sistema de ensino remoto, para alunos de baixa renda, visando a preparação para as Provas de Habilidades Específicas (PHE). Foram realizadas entrevistas com estudantes estagiários, a partir das quais foram construídas categorias de análise. Neste recorte, apresentamos questões relacionadas à afetividade na construção do Cursinho TATITA e de seus professores, fazendo análises fundamentadas em Tassoni e Leite (2010) e Leite (2012), dialogando, também, com autores da educação musical.

Palavras-chave: Estágio; Cursinho Pré-vestibular; Afetividade.

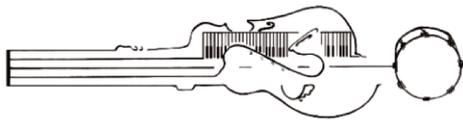
1. Introdução

O curso “Licenciatura em Artes - Música” da UNICAMP tem, em sua composição, a proposta de formar um profissional que possa se adaptar a diferentes situações. Com esse objetivo, abre a possibilidade de que os estudantes possam cumprir suas horas de estágio em diferentes espaços.

Dentro de um contexto de vida normal, todas essas horas são realizadas de maneira presencial. No entanto, a partir de março de 2020, fomos tomados pela pandemia de COVID-19, nos impactando em todas as esferas das vidas pessoais, profissionais e acadêmicas. Por conta da necessidade de isolamento social, a UNICAMP tomou uma série de atitudes,²⁵ como a suspensão das atividades presenciais e a realização do Ensino Remoto Emergencial (ERE) durante 2020 e 2021, incluindo os estágios.

É fato que o impacto da realização dos estágios de forma remota demorará muito para ser mensurado. Trata-se de algumas gerações que tiveram esse primeiro contato com a docência através de telas e mensagens, e alguns trabalhos começam a se debruçar sobre tal tema, especialmente no que toca o estágio na Licenciatura em Música (DANTAS, 2021; NEIVA & AQUINO, 2021). Mateiro e Cunha (2021) chamam a atenção para o que se trata o

²⁵ Todas as medidas podem ser consultadas no site da Unicamp através do link a seguir: <https://www.unicamp.br/unicamp/coronavirus/notas-e-medidas>.



ensino remoto, no qual se deram esses estágios: uma solução em situação de emergência para reduzir minimamente danos ao calendário escolar e ao aprendizado dos estudantes. Contudo, diversos trabalhos já trazem reflexões e experiências sobre essas questões, como, por exemplo, Sousa e Ferreira (2020, p.15), que consideram que “A ausência da vivência na escola na condição de estagiário e como instituição formadora e educativa é uma catástrofe para nossas vidas em sociedade”

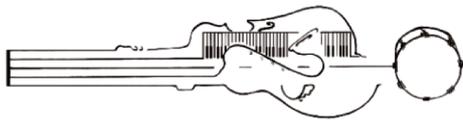
Junto a isso, segundo Nóvoa e Alvim (2020, *apud* MATEIRO & CUNHA, 2021), as escolas que tiveram melhores respostas junto a seus alunos durante a pandemia foram aquelas que mantiveram um trabalho colaborativo entre professores da mesma e de outras escolas.

Esta pesquisa procurou contribuir para as reflexões sobre o ensino durante a pandemia, investigando os estágios realizados no Cursinho Pré-vestibular TATITA (criado e administrado por estudantes de graduação em Música da Unicamp) durante o ano de 2020 e 2021. Atendendo a um edital especial PIBIC que oferecia bolsas para projetos que investigassem o ensino de graduação durante a pandemia, propusemos uma pesquisa qualitativa com uma abordagem de estudo de caso. Foram realizadas entrevistas com 3 estudantes (Juma, Tibério e Filó – nomes fictícios), as quais foram transcritas na íntegra e, a partir dos temas mais recorrentes, criadas três categorias de análise: 1) as interações sociais nos processos de ensino e aprendizagem; 2) a relação entre as teorias pedagógicas e a prática em sala de aula; 3) a transversalidade da afetividade nos processos educacionais. Nesse recorte, focaremos no que se refere à afetividade. Para Vigotski:

As relações interpessoais estão ligadas à afetividade o tempo todo. As funções psicológicas superiores determinam uma mudança qualitativa em relação à afetividade, na expressão primária de emoções. Todo o processo de troca promove um desenvolvimento humano (ASSINELI-LUZ, HICKMANN & STOLTZ, 2015, p.139).

2. A transversalidade da afetividade nos processos educacionais

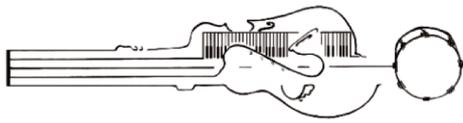
A afetividade é um ponto que saltou muito aos olhos durante as entrevistas. Por isso, antes de adentrarmos nas reflexões acerca da afetividade no Cursinho TATITA, é necessário que esse conceito seja brevemente explicado. Segundo Sérgio Leite, a prática pedagógica trata-se de uma mediação de natureza afetiva. Essa prática pode, de acordo com seu desenvolvimento, produzir "impactos afetivos, positivos ou negativos" na relação entre estudantes e os conteúdos estudados. Para o autor, esses “impactos são caracterizados por movimentos afetivos de aproximação ou de afastamento entre o sujeito/aluno e os



objetos/conteúdos escolares” (2012, p. 356). De acordo com Nassif (2021), essas relações vêm sendo trabalhadas tanto através de trabalhos teóricos como através de pesquisas empíricas desde ao menos o início do século XX. Estudiosos como Vigotsky e Wallon se debruçaram sobre a temática da afetividade nos processos educacionais. De acordo com Tassoni e Leite, para Vigotsky a “construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas”. Da mesma forma, os autores dizem que, para Wallon, a afetividade tem “papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais” (TASSONI & LEITE, 2010, p.1). Dessa forma, considera-se de grande importância o papel do outro na construção do conhecimento e do próprio sujeito. Há de se destacar, também, que os autores estudados entendem a superação de um modelo dualista de razão x emoção, acreditando na coexistência de emoção e cognição em todas as etapas do desenvolvimento. Como apontado por Almeida (1999, p.29 *apud* TASSONI & LEITE, 2010, p.360), “a inteligência não se desenvolve sem afetividade, e vice-versa, pois ambas compõem uma unidade de contrários”. Em seu trabalho, Nassif (2021) levanta uma série de pesquisas dentro do campo da educação musical que trazem contribuições que se aproximam da questão da afetividade, mostrando também que esse é um tema que vem sendo discutido na área.

Para Tassoni e Leite (2010), há oito aspectos que evidenciam “a interdependência e influência entre a dimensão afetiva e a cognitiva” (*idem*, p.10). São eles: 1) as formas de o professor ajudar os alunos; 2) as formas de falar com o aluno 3) as atividades relevantes; 4) as outras aprendizagens para além dos conteúdos ensinados; 5) as formas de corrigir/avaliar; 6) a repercussão na relação aluno-objeto de conhecimento; 7) a relação do professor com o objeto de conhecimento; 8) o sentimento/percepção do aluno em relação ao professor.

Estabelecida essa base teórica acerca da afetividade dentro dos processos educacionais, é possível observar, através das entrevistas realizadas, que dentro do contexto do Cursinho, fica evidente, a afetividade esteve presente em diversos aspectos e momentos, desde a construção do projeto do Cursinho, até a aula em si e as interações com os estudantes. Por sinal, é importante destacar que “a afetividade não é um aspecto importante apenas quando se pensa na educação de crianças pequenas ou nas aprendizagens informais (locais onde geralmente ela é foco de atenção), mas é indissociável de qualquer processo educativo” (NASSIF, 2021, p. 239).



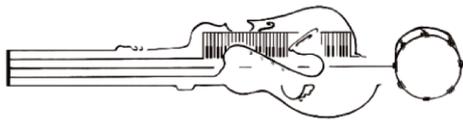
Tibério (entrevista em 6 de junho de 2022), inclusive, conta em sua entrevista como a graduação o ajudou a desenvolver seu pensamento e postura para a construção de uma didática afetiva. Ele diz que o curso na Unicamp o fez “passar a ter uma postura mais afetiva. Não afetiva igual, você sabe, mas da postura com a qual eu interagia em sala”. Com a frase “não afetiva igual, você sabe”, Tibério aparentemente quis destacar um engano comum que acontece com o termo afetividade. Segundo Nassif (2021, p. 239), as “questões da afetividade não tem nada a ver com o professor procurar “ser bonzinho” ou “agradar os alunos”, mas com coerência, capacidade de escuta, flexibilidade e autoavaliação constante”. Nesse sentido, Tibério parece estar querendo destacar as atitudes do docente em sala de aula em relação ao modo como conduz a aula como um todo.

Esses pontos levantados por Nassif (2021) são encontrados, por exemplo, no relato de Filó. Todo o Cursinho tentava levar em consideração a vida dos estudantes para além do Cursinho: estudos para o vestibular tradicional, saúde mental (especialmente em meio à pandemia), trabalho, limites individuais etc. Ela relata:

A gente era bem compreensivo, sabia que cada um tinha sua situação, época de vestibular é super difícil, então tentar ser mais receptível e tentar ser o mais compreensível possível, e acho que a gente conseguiu (FILÓ, entrevista em 27 de maio de 2022).

Ao longo das entrevistas, as pessoas entrevistadas trouxeram um ponto que vai ao encontro de muitas reclamações²⁶ feitas por docentes da graduação durante o ERE: “a falta de interação, tanto no ambiente do classroom, no whatsapp, mas também nas aulas” (TIBÉRIO). Nas palavras de Juma (entrevista em 1 de junho de 2022), “do mesmo jeito que nós alunos da faculdade no começo não ligamos as câmeras, eles também não ligavam as câmeras. E esse não ligar as câmeras, não ligar o microfone, no começo foi muito difícil porque a gente não tinha retorno”. Segundo Tardiff (2002, p. 149 apud SILVA & CLARO, 2007, p. 84), o professor é “sujeito do seu próprio trabalho e ator de sua pedagogia, pois é ele quem a modela, quem lhe dá corpo e sentido no contato com os alunos (negociando, improvisando, adaptando)”. Como lidar com essas interações na falta desse contato, em um modelo online? Através dos relatos, podemos observar que um caminho escolhido foi o da afetividade.

²⁶ Sobre tais reclamações e diferentes motivações, consultar Nicandro, Khandelwal & Weitzman (2010) e Fresquet & Paes (2022).

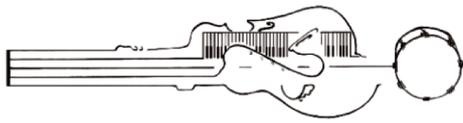


Juma, por sua vez, conta que ao longo do tempo foi buscando e encontrando novas formas de tentar conquistar essas interações. Ela conta que utilizou de jogos, de forma diferente da “maneira tradicional de você falar ‘Fulano de Tal por favor responda isso aqui por favor’”. Quanto à realização de atividades, Juma comenta que evitaram uma “cobrança muito chata”, mas que no fim essa cobrança foi feita em sala, ressaltando que elas não eram “pra nota, mas pra saber como vocês estão, pra gente saber como vai continuar as aulas” foi o que realmente resolveu (JUMA) e que passou, assim como Filó, a receber muitas mensagens privadas pedindo ajuda, tirando dúvidas, mandando atividades, demonstrando o interesse despertado entre os estudantes. Interesse esse despertado, em grande medida, pelo modo com que os docentes do cursinho interagiam nas aulas e se mostravam disponíveis para atender os discentes.

Essas questões dialogam, também, com alguns dos aspectos que evidenciam as relações entre as dimensões afetiva e cognitiva, descritos por Tassoni e Leite (2010) e pontuados anteriormente. No que se refere ao aspecto “formas de o professor ajudar os alunos”, pode-se considerar que toda a construção do Cursinho e seu objetivo se enquadrem dentro dessa categoria. Isto porque, além de visar o auxílio a estudantes de música mais pobres a ingressar no ensino superior em Música, alguns relatos das entrevistadas que demonstram isso já foram descritos aqui²⁷. Filó, por exemplo, cita que entrou no TATITA por achar que faltava essa iniciativa anteriormente, além de Tibério, que entrou no Cursinho pois, nas suas palavras, “amo o projeto, a ideia que ele carrega”. Ademais, também podemos considerar que o aspecto “formas de falar com o aluno” também é contemplado nesses diálogos visando a melhora das respostas dos estudantes às aulas e às atividades propostas, como, por exemplo, quando Filó fala sobre a busca pela compreensão da realidade dos estudantes, e quando Juma comenta sobre as tentativas de engajar as turmas através de diferentes formas.

Outro aspecto observado é relativo à “relação do professor com o objeto de conhecimento”, que afeta seu entusiasmo diante do ensino e, indiretamente, o interesse dos próprios alunos. O cursinho, para esses docentes, não foi apenas um lugar para cumprir horas de estágio, mas um local onde eles se envolveram afetivamente e isso de algum modo pode ter afetado os alunos. Esse aspecto pode ser visualizado por conta da gravação em imagem da

²⁷ Como a tentativa de usar jogos nas aulas e de disponibilizar o celular para tirar dúvidas fora do horário de aula.



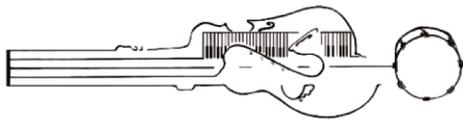
entrevista. Ficou evidente a mudança do tom de voz e das expressões faciais ao longo das perguntas, mudando de um tom de chateação ao falar sobre a graduação durante a pandemia para olhares esperançosos e sorrisos ao falar do Cursinho e como consideram ter sido importante nas suas formações docentes. Também ficou registrado através de falas muito felizes relativas ao Cursinho, como a de Filó, sobre ver as pessoas que foram suas estudantes e passaram pelo vestibular. Ela disse sentir que estava “fazendo a diferença também, porque vê que a galera tá entrando, pô, encontrar eles na unicamp é lindo, eu adoro”. Tibério foi no mesmo caminho, e ressaltou que “é muito, muito, muito reconfortante ver as pessoas pra quem a gente dava aula e encontrar elas nos corredores do IA²⁸. Elas passarem por você, dar bom dia todo dia, e ver ali, conseguiu... É uma sensação que vale muito a pena”.

Algo que ressalta essa relação é que, durante as entrevistas, as três pessoas destacaram o desejo e torcida pela continuidade e expansão do Cursinho. Enquanto isso, contudo, Filó (entrevista em 26 de maio de 2022) e Juma expressaram a preocupação com a continuidade do projeto, temendo que ele acabe em um futuro próximo. Isso porque, como destacado por Juma, grande parte da equipe pedagógica mais longeva do Cursinho é de uma mesma turma de graduação, de forma que todos estão mais próximos da formatura, ao mesmo tempo em que o Cursinho mira ter um caráter rotativo.

3. Considerações finais

Neste trabalho apresentamos o recorte de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida no curso de Licenciatura em Música da Unicamp, destacando a questão da afetividade, que perpassa todo o processo de ensino e aprendizagem, e foi um dos tópicos analisados nessa investigação. Nesse tópico, optamos por tomar como condutores os aspectos descritos por Tassoni e Leite (2010) como intrínsecos ao fazer pedagógico e nos quais a afetividade é parte inalienável, quer os docentes tenham consciência ou não. Para Campos e Leite (2022, p. 274), a distância causada pela pandemia inviabilizou uma troca de informações subjetivas, passíveis de serem identificadas nas práticas presenciais, em sala de aula, através das relações entre docentes e discentes e entre os próprios estudantes. Conseguimos enxergar, no entanto, que o Cursinho TATITA se esforçou para sanar o quanto foi possível essas questões, através das decisões pedagógicas desenhadas desde a concepção do projeto, das matrículas, da elaboração do planejamento, do diálogo, e, é claro, do dia a dia

²⁸ Instituto de Artes da UNICAMP.

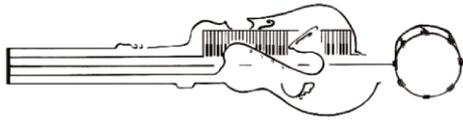


do ambiente virtual - ainda que, claro, não seja possível atingir uma profundidade da relação presencial.

Outros aspectos desenvolvidos por esses autores ainda poderiam ser mais trabalhados dentro do contexto dessa pesquisa. No entanto, acreditamos que, para isso, seria necessário um estudo mais aprofundado, podendo contar com o olhar e relatos de outra categoria de pessoas envolvidas: estudantes do Cursinho TATITA. Para Tassoni e Leite “os alunos interpretam as (re)ações dos professores e conferem um sentido afetivo à própria aprendizagem, ao conhecimento que circula, à sua imagem enquanto pessoa e estudante” (TASSONI & LEITE, 2010, p.10). Sendo assim, a visão dos alunos seria de enriquecimento muito grande para essa temática, além de complementar este estudo. Essa poderia ser uma outra forma de abordar o tema e poderá dar origem a outras pesquisas sobre o mesmo local.

Referências

- ASSINELI-LUZ, Araci; HICKMANN, Adolfo & STOLTZ, Tania. Piaget e Vigotski: Contribuições para as Relações Interpessoais no Ensino-Aprendizagem no Século XXI. UNOPAR Cient., Ciênc. Human. Educ., Londrina, v. 16, n. 2, p. 132-140, abril de 2015.
- CAMPOS, Vanja Ramos Vieira de Campos; LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade e aulas remotas em tempos de pandemia: a questão da distância. *Revista NUPEM*, v. 14, n. 32, p. 260-279, maio/ago. 2022.
- DANTAS, Taís. Estágio Supervisionado Curricular na Licenciatura em Música: formação e vivências em tempos de ensino remoto. *Revista de Estudos em Educação e Diversidade*, v. 2, n. 4, p. 1-19, abr./jun. 2021. Disponível em <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/8900/5893>. Acesso em 23 fev. 2023.
- FRESQUET, Adriana; PAES, Bruna Teixeira. Algumas reflexões sobre a pandemia, as visibilidades, a velocidade e suspensões possíveis em uma experiência audiovisual docente. *Educação Temática Digital*, v. 24, n. 1, Campinas, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8666098/28038>. Acesso em 24 fev. 2023.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. *Temas em Psicologia*, vol. 20, n. 2, 355-368, 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v20n2/v20n2a06.pdf>. Acesso em 23 fev. 2023.
- MATEIRO, Teresa; CUNHA, Sandra Mara da. Escola para além do digital: reflexões sobre os estágios na formação docente em Música. *Revista da Abem*, v.29, 2021. Disponível em: <http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/1023/602>. Acesso em 23 fev. 2023.



NASSIF, Sílvia Cordeiro. Afetividade e formação do educador musical. *Revista da Abem*, v. 29, p. 234-250, 2021. Disponível em <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/1011/607>. Acesso em 23 fev. 2023.

NEIVA, Jéssica Rodrigues; AQUINO, Thaís Lobosque. Estágio em tempos de pandemia: a experiência do ensino remoto emergencial - ERE na disciplina de Estágio Supervisionado da EMAC-UFG. *XXV Congresso Nacional da ABEM - A Educação Musical Brasileira e a construção de um outro mundo: proposições e ações a partir dos 30 anos de lutas, conquistas e problematizações da ABEM*, 16 a 26 de Novembro, 2021. Disponível em: <https://www.abem-submissoes.com.br/index.php/xxvcongresso/2021/paper/view/880>. Acesso em 23 fev. 2023.

NICANDRO, Vincent; KHANDELWAL, Aditya & WEITZMAN, Alex. Please, let students turn their videos off in class. *The Stanford Daily*, 01 jun. 2020. Disponível em: <https://www.stanforddaily.com/2020/06/01/please-let-students-turn-their-videos-off-in-class/>. Acesso em: 24 fev. 2023.

SILVA, Marco; CLARO, Tatiana. A docência online e a pedagogia da transmissão. *Boletim Técnico do Senac*, v. 33, n. 2, p. 81-89, 19 ago. 2007. Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts/article/view/301/284>. Acesso em 01 jun. 2023.

SOUSA, Ester Maria de Figueiredo; FERREIRA, Lúcia Gracia. Ensino remoto emergencial e o estágio supervisionado nos cursos de licenciatura no cenário da pandemia covid 19. *Revista Tempos e espaços em educação*, v. 13, n. 32, jan.-dez., p. 1-20, 2020. Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/14290>. Acesso em 23 fev.. 2023.

TASSONI, Elvira Cristina Matos; LEITE, Sérgio Antônio da Silva. A relação afeto, cognição e práticas pedagógicas. *Anais eletrônicos. ANPED*, 33a reunião, GT20, Caxambu, MG, 2010. Disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT20-6865--Int.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2023.